

Coronel Redl e o Império Áustro-Húngaro, ascensão e decadência do Antigo Regime e as motivações da I Guerra Mundial

José Renato Gomes de Oliveira
Graduado em História pela Universidade Federal da Bahia

Sinopse

No final do século XIX e início do século XX, em circunstâncias de decadência do império Austro-Húngaro, Alfred Redl (Klaus Maria Brandauer), surge de uma família de camponeses habitantes de uma pequena cidade do imenso Império Austro-Húngaro para logo cedo ingressar no exército, em seguida experimentar uma rápida ascensão e chegar ao cume num final trágico. Redl é um militar ambicioso, originário de uma família humilde, que ao chegar no exército consegue construir uma brilhante carreira como oficial do Império. Chegando ao posto de coronel na carreira militar, ele é incumbido de realizar serviços de espionagem, fazendo-o com admirável competência. Redl vive um dilema que pode comprometer sua profissão de sucesso, a vida secreta como homossexual. Esta condição, mantida a todo momento oculta, será a principal causa a promover a sua queda. A vida dupla torna Redl um homem sem caráter, dissimulado, fazendo-o cometer injustiças, renegando a própria família, da qual sente vergonha. Esse caráter lhe concede muitos inimigos, que tramam sua decadência, ao inteirarem-se de sua vida oculta. Redl acaba

pagando por todo emaranhado de intrigas, corrupção, preconceitos e injustiças de um Império que reflete o seu espírito e que o faz tragicamente desmoronar, ao passo em que estoura a I Guerra Mundial.

Direção

Stiván Szabó nasceu em 18 de fevereiro de 1938, em Budapeste, Hungria. Estudou cinema na *Academy of Film Art*. Escreveu seu primeiro curta em 1961, que lhe rendeu uma vaga no *Studio Béla Bálags*. Szabó é um filho da Segunda Guerra. Um ano depois de ter nascido, a Alemanha invadiu a Polônia dando início ao combate entre potências mundiais. Certamente viveu bem próximo a pessoas que, como ele, também vivenciaram diversas tragédias políticas. Dessa forma, Szabó tem uma atração pela história e pela política, em especial sobre a Europa Central. Os interesses de Szabó por retratar as guerras e as relações em meio a catástrofes políticas ocorridas na Europa Central são para evitar que estas se repitam. Se assim não fosse, afirma que faria política e não filmes. Os seus filmes são para conscientizar, divertir e entreter, assegura¹.

Provavelmente Szabó seja o único diretor da Hungria vencedor de um Oscar até hoje. Em 1981 começou a filmar *Mephisto*, que deu início a uma trilogia sobre o Império Áustro-Hungaro. Dentre os principais filmes de sua carreira estão *Adorável Julia (Being*

¹ Informações sobre Szabó são constantes numa entrevista incluída ao DVD desta película a que tratamos.

Julia, de 2004; *Sunshine*, de 1999; *Cita con Venus (Meeting Venus)*, de 1991; *Hanussen, o advinho (Hanussen)*, de 1988; *Coronel Redl (Oberst Redl)*, de 1985; *Mephisto*, de 1981; *Confiança (Bizalom)*, de 1979; *Confidência* de 1979, e *Pai (Father)*, lançado em 1966. Os atores, produtores, assistentes, que trabalham nesses filmes, não raro, são quase os mesmos. Klaus Maria Brandauer protagoniza toda uma trilogia sobre o Império Austro-Húngaro. Szabó afirma que precisa trabalhar com pessoas as quais ele confia, para que se sinta a vontade, como estando em sua própria casa.

Produção

Coronel Redl, uma produção partilhada em conjunto por três países, Áustria, Hungria e Alemanha Ocidental, recebeu vários prêmios. Em 1985, recebeu em Cannes o “Prêmio do Jurado” e em 1986 recebeu o Oscar, o Globo de Ouro e o prêmio da Academia Britânica de melhor filme estrangeiro. A história dramática de Alfred Redl tem o roteiro baseado num personagem criado por John Osborne, retratado na peça de teatro “*A patriotic for me*”. Esta peça baseia-se na vida real de um militar, oficial do exército austro-húngaro. O filme faz parte de uma trilogia sobre o Império Austro-Húngaro. Sendo precedido por *Mephisto* e sucedido por *Hanussen*, representa o segundo título numa série de três películas que contextualizam o Império Áustro-Húngaro durante século XX.

Contexto e narrativas do processo histórico

O Império Austro-Húngaro é firmado em 1867, após os acordos para estabelecimento de uma monarquia dual entre a Áustria e a Hungria. O Império Austríaco dos Habsburgo é esfacelado por suas agitações nacionalistas e passa a ser controlado pelos alemães. A Hungria fica a governo dos magiares². Um único monarca e seus ministros representam os dois países e decidem a respeito da diplomacia estrangeira, da guerra e das finanças. A monarquia dual, entretanto, acorda a permanência de constituições diferentes para ambos os países, além de governos, línguas e parlamentos distintos. O imenso Império abriga diferentes grupos étnicos e nacionalidades como os tchecos, ucranianos, poloneses, eslovacos, eslovenos, sérvios, romênios, croatas, italianos e judeus. Estes grupos étnicos, menosprezados e considerados de segunda categoria, sentem-se excluídos da política. Dessa forma, surgem conflitos políticos, principalmente nos Balcãs, à medida em que cresce o anti-semitismo.

Segundo a descrição de Carl Schorske, em *Viena Fin-de-Siècle* (1988), a boa sociedade era formada pelo homem racional, liberal, que dominava a natureza e detinha sobre si o controle moral. O homem psicológico substituiu o homem racional no século XX, que tem sentimentos e instintos e passou a ser o ideal da filosofia, da política, da

² Magiares são os povos que criaram o reino da Hungria, a etnia que estabeleceu-se na Bacia dos Cárpatos no século IX d.C.

sociologia e até da economia, onde o homem é julgado em termos de frustração psicológica. No caso de Viena, havia uma frustração política após a crise da cultura liberal. Contra a aristocracia e o absolutismo barroco em decadência, o liberalismo austríaco chegou ao poder com um regime constitucional em 1860. No entanto, liberais austríacos partilhavam do poder com a aristocracia e tinham base econômica frágil, por sua composição de alemães e judeus alemães de classe média. Camponeses, artesãos, operários, povos eslavos, formavam partidos contra o liberalismo, sendo eles, o social-cristão, pangermânicos anti-semitas, socialistas e nacionalistas eslavos. O imperador Francisco José I, antes tendo se recusado, ratificou a eleição de Karl Lueger para prefeito, sendo este um anti-semita. Começou-se então uma década contra os elementos liberais.

A fim de garantir suas posses na península balcânica, os Habsburgo adotam uma política de amizade com o recém-criado Império alemão. O Império Austro-Húngaro acordando a não intervenção em assuntos diplomáticos referentes à Alemanha recebe apoio para o bloqueio russo no sudoeste da Europa, em 1879. Depois a Itália ingressa no acordo, formando em 1882 a Triplíce Aliança. Com a anexação de duas províncias pertencentes à Sérvia em 1908 pela Áustria, os russos incitam os sérvios à guerra, porém o apoio alemão evita um conflito. De fato, os Balcãs, como bem evidenciavam charges e caricaturas da época, estava como um caldeirão fervilhante de problemas.

As elites agrárias detinham o poder, no fim do século XIX, acima dos negociantes e profissionais liberais. Segundo Arno Mayer³, a classe burguesa estava enfraquecida pelas divisões entre a indústria pesada, a indústria manufatureira de bens de consumo e seus associados bancários. Também os profissionais liberais mantinham-se servis a uma aristocracia dominante. Não obstante a desenfusão das nobrezas européias e todo arcaísmo sendo perdido junto a prerrogativas consuetudinárias, uma maioria aristocrática impunha a adaptação das burguesias nacionais emergentes às nobrezas, assim como o capital industrial e financeiro se impôs às sociedades civis e pré-industriais. Dessa forma, eram também os nobres e capitalistas agrários prósperos. Além de que ocuparam os mais elevados cargos entre funcionários civis e militares. Estes herdaram os valores moral ou científico e esteticista para enfrentar a crise.

Viena, a capital do Império Austro-Húngaro, reunia uma grande diversidade cultural, no final do século. Em meio a decadência do liberalismo burguês, depois de sua rápida ascensão, surgem as produções de grandes pensadores como do psicanalista Freud, dos compositores Gustav Mahler e Arnold Schönberg e do artista plástico Gustav Klimt. Esses pensadores num rápido período de tempo deram origem a estudos da Psicologia, da História da Arte e da Música. Todos esses elementos cooperaram numa rápida transição de uma

³ Mayer, Arno J. *A força da Tradição, A persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p 87.

política liberal. O fim da alegre Viena e do mundo novicentista da valsa, representa uma simbologia ao problema histórico da Viena de *Fin-du-siècle* e sua relação entre política e psique. A "*La o else*", a dança macabra, uma música do compositor Maurice Ravel, evidencia essa experiência vienense. Mais que uma contraposição à valsa, há uma inserção de outras partes como a "fanfarra", o "trote" e o "obbligato", alternando o compasso e o ritmo, modificando a harmonia para uma "cacofonia", um som desagradável. As manifestações artísticas eram um despertar contra o antigo regime. As "crescentes" da música e as "censuras" misturadas ao ritmo arrancam das pessoas horror e vazio quando do seu silenciar repentino. Os temas diferenciados evidenciam a individualidade, a excentricidade e a distorção, revelando um verdadeiro caos. A música de Ravel fala do problema da "intelligentsia" austríaca, do *fin-de-siècle*. O que terá sido então esse problema, uma incompatibilidade social da psique de certos indivíduos, ou o ritmo social que havia era ilusório, e algum dia seria realidade? Eram os questionamentos da Viena de *fin-de-siècle*. A música é uma expressão do estado psíquico em que se encontrava o Império ao final de um século e também ao início de outro.

A cultura estética da burguesia deu abertura à vida artística e sensibilidade a estados psíquicos. A burguesia austríaca não se fundiu à aristocracia, sendo frágil, buscava a proteção do imperador, oferecendo lealdade. Os burgueses, sentindo-se afastados das decisões políticas, sempre quiseram manipular o poder, especialmente os judeus.

A relação entre política e psique se deu mais expressamente na peça *A torre*, que aborda o declínio e a queda do Império Habsburgo. É uma peça política e psicológica como *Hamlet*. Psicologiza a política e politiza a psicologia na figura de pai e filho, o rei e o príncipe-poeta, que representa o homem psicológico, este feito mártir para as gerações futuras.

Persistindo os conflitos de fronteira, em 28 de junho de 1914, o herdeiro do trono austro-húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando, e sua esposa são assassinados em Sarajevo, capital da Bósnia, por um nacionalista sérvio. O incidente desencadeia a I Guerra Mundial. Em novembro de 1918, o governo húngaro anuncia a separação da Áustria. Com o fim da guerra, nesse mesmo ano, o império é totalmente dividido.

Análise do discurso fílmico sobre a história

A música, os cenários, a fotografia e as representações em *Coronel Redl* formam uma convergência de significados, mas explicitam uma multiplicidade de compreensões das idiossincrasias do Império Austro-Húngaro, retratando o fim de uma crise de *fin-de-siècle*, em meio a conflitos nacionalistas e ao início de uma guerra que revela o colapso do ultra conservadorismo.

Pertencente a *pequena e insignificante classe camponesa*, devocionista do Imperador Francisco José I, chegando à alta classe aristocrática e militar, Redl, representa a relação

mais sensual e condizente com um império que oferece as experiências que o criaram e deram condições para se autodestruir. As famílias pobres e campesinas, que apenas de longe admiravam os costumes da nobreza, estariam muito gratas a qualquer favor feito a um membro da pobre e farta população agraciada com um cargo público. Em nome de um desses favores concedidos ao avô de Redl, a família sentia-se eternamente comprometida. Redl venerava o imperador, assim como reivindicava uma nobreza que era apenas de fachada.

A música *Marcha Radetzky*, do vienense Johann Strauss I, que inicia a película, expõe um prelúdio e um pós-lúdio para ambientar uma riqueza cultural existente na música vienense, sobretudo a valsa, ao mesmo tempo em que representa ironicamente uma sonoridade da defesa da monarquia. A música foi composta por Straus para homenagear um marechal conservador de Viena, tornando-se um símbolo da vitória do conservadorismo sobre o liberalismo. Da família Strauss vienense, o herdeiro Johann Strauss Jr ou Strauss II, compôs a *Marcha Revolucionária* em defesa do liberalismo e em protesto à *Marcha Radetzky*.

Dos grandes nomes da música erudita e clássica, como os compositores Schuman, Strauss, Penn, Chopin e Lizst, alguns são explorados no filme. Uma estética especial na arte e nos costumes era uma prerrogativa da alta aristocracia. Tocar piano e as obras dos grandes compositores era uma exigência da alta nobreza, mais comumente reservada às

mulheres. A partir do roteiro, observamos esse costume também presente na escola de cadetes do império.

Algumas cenas tentam construir um personagem que passa por diversas experiências na educação rigorosa do exército e no contato com colegas de origem nobre. O treinamento ríginoso, passível de castigos, a pressão psicológica para o exercício de uma “lealdade” incondicional e traiçoeira compunham em Redl os caprichos e os gostos da elite dominante. Aprende a tocar piano, a cavalgar, falar francês, a desejar e também a dedurar os amigos. *Judas! Sou um Judas, não um soldado. Sou um camponês desleal!* Brada Redl em crise de consciência, provavelmente herdada de sua educação simples e campesina.

A própria origem de Redl evidencia a diversidade étnica e cultural que formava o grande Império. Tentando reivindicar uma origem nobre, afirma que seu pai é ucraniano, descendente de alemães, e que achava que o avô de sua mãe era húngaro, um nobre que perdeu tudo, mas foi ajudado pelo imperador que lhes deu cargos públicos. Redl era originário de Lemberg, uma província da Galícia, submetida ao Imperador José I. Sérvios, eslavos, ucranianos, rutenos, judeus e outros povos integravam a escória marginal do império, considerados povos sem cultura, de onde surgiria a burguesia ascendente e os novos ricos.

Desde pequeno, Redl não sabia prezar sua família, que soube apenas ensinar-lhe a ser grato ao imperador. Dessa forma, prefere comparecer às comemorações do onomástico

do imperador Francisco José I a ir ao velório do próprio pai. Durante o onomástico, num discurso paternalista proclamado pelo padre, o imperador é feito pai de todos, era como todos deviam se sentir. Assim Redl certamente se sentia.

As festas são exploradas como ambientes para colocação de diversas questões. A questão étnica era um dos muitos problemas. Numa discussão entre von Kubinyi, amigo aristocrata de Redl desde a infância, e um outro oficial, ocorre uma disputa para qualificar quem seria melhor, Redl, que é de Lemberg, ou o oficial que afirma ser melhor por ser de Pomerai. Kubinyi afirma que são todos iguais. Porém, sendo húngaro, atribui o poder da Áustria à união com a Hungria. *Esquece ele que a Hungria também oprime seus vizinhos*, comenta outro oficial. As questões étnicas abordadas na película são sempre pretextos para novos incidentes da trama. Redl, antes tendo declarado que gostava de judeus, é incumbido de fazer um relatório do oficial Jeromil Schorm, acusado de ser homossexual, boêmio e traidor, que passa informações a judeus. Durante a declaração oficial de Redl a Schorm para que deixe o exército espontaneamente, este desentende-se com o médico, destratando-o também por ser judeu. Por sentir-se ofendido, Kubinyi desafia-o a um duelo, e este não se recusa por ser uma questão de honra. O duelo era um privilégio de uma educação concedida à alta aristocracia, coisa que as minorias nacionais e a burguesia podiam dispensar. Jamais um verdadeiro nobre poderia negar a um desafiante em legítima

causa tanto o dever quanto o direito de duelar. O duelo era assegurado pela lei, tornando-se mais comum entre os oficiais de carreira.

O anti-semitismo é um tema muito recorrente no filme. De fato os judeus eram uma pedra nos calcanhares daqueles conservadores que lutavam pela persistência do antigo regime. Apesar de serem representantes do liberalismo econômico, eles também representavam a base econômica que ajudava a sustentar o império, especialmente através da aliança com os Rothschild. Os judeus também vinham-se tornando grandes concorrentes aos cargos públicos e às profissões liberais. Talvez por isso, a pequena nobreza e as classes médias declaravam-se anti-semitas. Os defensores do antigo regime denunciavam esses semitas como sendo os responsáveis pela modernização capitalista que os ameaçava, faziam parte da classe intermediária de artesãos e lojistas que tendiam a compor o exército de reservas, o mesmo que praticava uma política anti-semita e de extrema-direita. Por outro lado, jovens liberais e intelectuais judeus eram partidários da social-democracia radical, tornando-se alvos de acusação dos ultraconservadores.

Sendo promovido a major, Redl começa a experimentar o poder dentro do exército, com o qual se empolga. Em Viena, começa a ter contato com o ambiente das classes altas, com os passeios de carruagem, com “glamourosos” bailes ao som das belíssimas valsas vienenses, dos encontros com Katalin (irmã de Kubinyi, com quem Redl mantém uma relação desde a infância), chegando mesmo a ver o velho imperador admirando a

paisagem. Ao vê-lo, Redl emociona-se. Aquele foi um dos momentos mais felizes de sua carreira. Havia visto a olhos nus tudo aquilo em que ele acreditava. A vida social em Viena era para um aristocrata de berço. Possuindo propriedades também nas províncias, a aristocracia mantinha residências luxuosas na capital do império, onde seus filhos podiam experimentar uma vida social rígida e coreografada. As festas de salão eram freqüentadas apenas pelas classes mais elevadas, estando excluídas a elite intelectual, artística e também os ascendentes sociais. Estes faziam parte de uma segunda sociedade aristocrática, mais numerosa e diversificada, desdenhada pela alta nobreza, mas com a qual possuía laços a fim de fortalecer o antigo regime.

Redl, chegando ao topo do poder, encontra-se com a mais fiel definição do conservadorismo austríaco, a serventia ao Arquiduque Francisco Ferdinando, com o qual planeja a incriminação de um oficial para mostrar ao mundo a força e consolidação do exército austríaco. A escolha do bode expiatório pelo arquiduque espanta Redl. Segundo descreve o próprio arqueduke, este não poderia ser austríaco e nem aristocrata; não poderia ser húngaro por causa da monarquia dualista; e nem tcheco, por sua vontade de independência; não poderia ser judeu pelo enfurecimento em toda Europa com o caso Dreyfus e colocaria em risco as relações do imperador com o banco Rothschild; também não poderia ser nem servo e nem croata por ser uma zona quente demais. O arquiduque sutilmente sugere que seja um ruteno, assim como o próprio Redl, que deveria ele mesmo

encontrar, vasculhando toda a Galícia. Sabia ele que sendo ruteno, corria o mesmo risco, mas ao encontrar o bode expiatório, uma tragédia o faz perdê-lo. O cerco havia se fechado para Redl.

Até a queda dos Habsburgo, a aristocracia mostrava-se hermética, fechada a qualquer mudança da nova sociedade em formação. Mantinha-se tão fechada e irrefutável diante das alterações sociais eminentes que estavam fadadas a um colapso catastrófico. O maior guardião do conservadorismo era o herdeiro do trono do Imperador José I, que reunia em torno da corte cerca de 400 famílias de aristocratas de sangue azul. Após o *fin-du-siècle*, se deu a união das antigas elites com a burguesia ascendente que agora, sendo santificada pela igreja, estava longe de ser uma maldição. A burguesia seria capaz de renunciar ao ideal de transformação e a república que tanto defendiam, aos ideais democráticos e à secularização em favor de um conservadorismo aristocrático. Com esse mesmo ímpeto de assegurar a permanência da força do antigo regime, Redl foi levado a tramar contra ele mesmo, contra as minorias nacionais. Não tendo sido por meio do avanço do liberalismo, as querelas políticas e nacionalistas que envolviam o império não podiam mais tolerar tamanho conservadorismo e opressão. Em 1914, o Arquiduque Francisco Ferdinando leva um tiro na jugular por um sérvio, provocando sua morte em poucas horas. Era o argumento que precisavam para iniciar uma guerra que envolveu as principais potências internacionais.

De forma realista e bastante crítica, Stiván Szabó conclui seu drama de inspiração histórica e biográfica. Polemiza para chocar e conscientizar. É uma nova perspectiva dos “cinemas novos” de todo mundo. Assim como os “novos cinemas” que surgiram na segunda metade do século, a exemplo do *free cinema* britânico e da *nouvelle vague* francesa, do *cinema novo* brasileiro, também evidenciam-se os “novos cinemas” nas diferentes Democracias Populares da Europa destes anos, em que há uma vontade por parte de cineastas, principalmente da Polônia, Hungria, Tchecoslováquia e Iugoslávia, em romper com os esquemas dos anos anteriores, para realizar um cinema cada vez mais dinâmico. Entre eles, o húngaro Stiván Szabó torna-se exemplo de uma corrente diferenciada que veio se desenvolvendo ao longo dos anos sessenta. Muitos destes cineastas tiveram que abandonar o país pelo menos uma vez, como o checo Milos Forman, o polaco Roman Polanski e o húngaro Stiván Szabó.

O filme na sala de aula

Este filme pode ser utilizado para estudar os antecedentes da I guerra, bem como as zonas de conflito que a fez eclodir e entender o contexto por qual passava o Império Austro-Húngaro, com seus problemas e vicissitudes que compunham o antigo regime remanescente da Europa Central e Leste. A aula, assim, poderá iniciar com mapas: localização do Império Austro-Húngaro e das potências envolvidas na I Guerra. Algumas

cenar fortes restringe-o a uma indicação apenas para alunos a partir do ensino médio. O filme para ser bem compreendido, deve ser exibido integralmente. Porém deve ficar ao critério do professor a opção de avançar cenas, tendo-se explicado a intenção prática delas.

Outras temáticas podem ser abordadas no filme, como por exemplo, o homossexualismo dentro de uma instituição rígida, como o exército; a prostituição de mulheres, utilizadas como objetos sexuais em cabarés; o abandono de familiares por integrantes que ascendem ao poder e renegam sua origem; e também a hipervalorização de costumes remanescentes de uma nobreza aristocrática e opressora. Nesse sentido, a sala poderá ser dividida em equipes, cada uma responsável em elaborar um painel sobre os temas. O professor deverá ficar atento para evitar situações de discriminação.

Uma atividade possível a ser desenvolvida é a encenação de uma peça teatral em que se abordem temáticas sobre traição, intrigas, mentiras, poder econômico ou político, ligadas ao acontecimento de um grande desastre, para serem relacionadas com os fatos dos antecedentes da I Guerra Mundial ou da queda do antigo regime na Europa Leste e Central.

É importante ao professor abordar os temas de modo a não conduzir a opinião dos alunos, porém deixando claro que eles podem e devem realizar suas escolhas e tomar seus posicionamentos de maneira ética e também crítica. Para esse exercício, uma atividade interessante seria a realização de um tribunal fazendo o julgamento de Redl, levando-se em consideração as condições que lhe foram impostas e a maneira como ele poderia ter agido.

Esta é uma oportunidade de exercício dos alunos para com um pensamento crítico sobre temáticas político sociais.

Cronologia

1848 – “Primavera dos povos” – levantes nacionalistas no império Austro-Húngaro
1862-1890 – Governo de Otto von Bismarck
1871 – Tratado de Frankfurt – Término da Guerra franco-prussiana
1873 – Liga dos Três Imperadores: Alemanha, Áustria e Rússia
1878 – Congresso de Berlim confirma a independência da Sérvia, romênia e Montenegro
1882 – Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria e Itália
1893 – Liga Pangermânica – Organização que defendia a expansão da Alemanha
1908 – Império Austro-Húngaro anexa a Bósnia e a Bósnia Herzegovina
1908 – Levante vitorioso de oficiais do exército turco defendendo idéias liberais
1912 – Liga Balcânica: Sérvia, Montenegro grécia, e Bulgária decidem a conquista da Macedônia.
1912-1913 – Primeira e segunda Guerra nos Balcãs
28 de junho de 1914 – Assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando
18 de julho de 1914 – Império Áustro-Húngaro declara guerra à Sérvia

Ficha Técnica

Coronel Redl (*Oberst Redl*)

País: Hungria-Áustria-Alemanha Ocidental

Ano: 1984

Gênero: Drama, Biografia.

Diretor: István Szabó

Roteiristas: István Szabó & Peter Dobai

Duração: 149 min.

Elenco: Klaus Maria Brandauer, Hans Christian Blech, Armin Mueller-Stahl, Gudrun Landgrebe, Jan Niklas, László Mensáros, András Bálint, László Gálffi, Dorottya Udvaros, Károly Eperjes, Róbert Rátonyi.

Bibliografia Consultada

HUESO, Angel Luis. *El cine Y el siglo XX*. Ariel Historia: Barcelona, 1998.

Mayer, Arno J. *A força da Tradição, A persistência do Antigo Regime (1848-1914)*. Companhia das Letras: São Paulo, 1987.

RODRIGUES, Luiz César Barreto. *A Primeira Guerra Mundial*. Série discutindo a História, coord. Jaime Pinsky, 3ª edição, Editora Atual: São Paulo, 1986.

SCHORSKE, Carl E. *Viena Fin-de-Siècle*. Unicamp/Companhia das Letras: São Paulo, 1988.

Sites

<http://es.movies.yahoo.com>

<http://www.imdb.com>

<http://www.febe.edu.br>

Filmografia indicada

Hanussen (1988);

A Grande Ilusão (1937);

Nada de Novo no Front;